



1

FHE POUPEX

Forte de São Francisco Xavier de Piratininga ou Forte da Barra



Cel Claudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHDRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982; E membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro com colaborações em sua revista e correspondente do Instituto Histórico de Petrópolis e com diversas colaborações em seu site. E disponíveis em Livros e Plaqueta no site www.ahimtb.org.br. Foi Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar em seu Centenário.

Artigo do autor na Revista do Clube Militar digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especial da AMAN 002 17Nov.2014 e integrado ao PERGAMUM de bibliotecas do Exército

ISSN 0101-6547

REVISTA DO

clube militar

SETEMBRO-OUTUBRO 1983

DOADO A AMIAN
CEL. C. M. BENTO
AMHATECEL. C. M. BENTO
AMHATE

**Forte de São Francisco Xavier
de Piratininga, a Atalaia da
Baía do
Espírito Santo**

Forte de São Francisco Xavier de Piratininga ou Forte da Barra

(1702 — 1983)

Cel Cláudio Moreira Bento



Vista lateral do Forte da Barra, que abrigou, no passado, a Escola de Aprendizes de Marinheiro e depois o 38.º Bl. Atualmente funciona como Hotel de Trânsito do Exército em Vitória.

O Estado do Espírito Santo apresenta na História Militar Brasileira uma tradição singular — a de haver repellido, com sucesso, todas as tentativas alienígenas de invasão de seu litoral por força das armas. Isto desde que ali deitou as raízes da civilização portuguesa, no dia dó Espírito Santo, de 1535, seu donatário Vasco Fernandes Coutinho que também de lá expulsou os indígenas em 1551, da ilha onde se localiza Vitória, nome dado em razão da vitória militar que então obteve.

Em 1560, sob inspiração de S. Tiago e com apoio numa peça de Artilharia, os espirito-santenses impediram o desembarque do pessoal de dois navios franceses, fato repetido por outro navio francês mais tarde.

Face a estas ameaças, o Convento da Penha, além de local de recolhimento espiritual, passa a ter excepcional valor militar como posto de observação na entrada da barra sobre grande extensão de mar à sua frente e de defesa militar da maioria da população contra ataques partidos do mar, à semelhança de um forte medieval. Aliás, foi o que ocorreu em 1583 com o pirata inglês Fenton que teve repellido seu ataque ao convento, com grandes perdas de seu pessoal a tiros de trabuço. Em 1592 o ataque do pirata Cavendish teve o mesmo destino e confirmou a tradição espírito-santense de haver repellido, até ali, todas as tentativas alienígenas de desembarque armado.



Muralhas do Forte de São Francisco Xavier

Em 1702, foi necessário complementar a defesa da entrada da barra. Foi erigido então o Forte de São Francisco Xavier de Piratininga ou da Barra, na entrada Sul da baía do Espírito Santo, próximo a Vila Velha e no sopé na base do morro do Convento da Penha.

Durante mais de 60 anos o forte primitivo mandado erigir por D. Rodrigo da Costa, governador da Bahia, cumpriu sua destinação

militar e geopolítica e confirmou a tradição espírito-santense de inviolabilidade territorial de suas praias por alienígenas.

A partir de 1763, com a invasão espanhola ao Rio Grande do Sul, foi necessário fortificar o porto de Vitória, próximo ao do Rio de Janeiro, como elemento de dissuasão de possíveis tentativas de usá-lo como base de operações contra o Rio de Janeiro — a nova capital da Colônia. O Forte da Barra foi ampliado, ganhou aspecto circular e foi dotado com 15 canhoneiras. Restaurado o Rio Grande do Sul em 1776, com a reconquista da Vila de Rio Grande, seguida da assinatura do Tratado de Santo Ildefonso em 1777, o Forte da Barra entrou em progressiva desativação. Em 1857 ele vai figurar como fortificação de 3.ª classe. Pouco depois passou à jurisdição da Marinha, como depósito e Escola de Aprendizes de Marinheiros.

Hoje, conservando muito das suas características originais, conforme planta de 1767, existente no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, é dependência social do 38.º Batalhão de Infantaria.

Mas ali, voltadas para o mar, estão suas muralhas e canhoneiras, mudas testemunhas dos sacrifícios, privações, raça, denodo e valor dos soldados de Portugal e depois do Brasil, que a construíram, guarneceram e defenderam anonimamente por quase três séculos, ao custo de ingentes sacrifícios, tristezas e solidão, para assim ajudarem a preservar intocáveis e soberanas aquelas praias e nos legarem um país-continente íntegro, soberano, unido, indepen-



Visão imponente do Convento da Penha, em Vitória. Fortificação medieval que desempenhou, no passado, relevante papel militar na defesa da região.

dente e tradicionalmente cristão.

Merecem pois suas sagradas muralhas todo o respeito, por simbolizarem as glórias e a história da gente e da terra espírito-santense e, sobretudo, por sua tradição singular, de jamais, em tempo algum, permitir que alienígenas sentassem raízes em suas terras pela força das armas.